Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

Lima, 11 de novembro de 2026.

Queridas companheiras, queridos companheiros

Vivemos um momento histórico marcado por uma grave crise do sistema capitalista em sua versão neoliberal e pela decomposição da ordem mundial fundada na hegemonia dos EUA. Assistimos, no continente americano e de forma dramática em nossa América Latina, ao avanço agressivo da extrema-direita neofascista, numa onda reacionária que perde impulso agora com a vitória histórica de Lula no segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, a derrota de Donald Trump nas eleições de meio mandato, (derrota de Netanyahu em Israel) e o impeachment e a prisão do ex-presidente do Paraguai, Santiago Peña, no rastro de uma crise bancária escandalosa e sem precedentes no país.

É preciso observar que a ascensão da extrema direita não ocorre por obra do acaso; ela é o instrumento de choque das forças mais obscuras e reacionárias das classes dominantes de nossos países, operando em total subordinação à estratégia imperialista de Washington. A agenda dessa força política é clara: ela é radicalmente antinacional, antidemocrática e antipopular. A fuga dos irmãos bolsonaros para os EUA, onde conspiram diuturnamente contra o Brasil sob a escolta de políticos trumpistas, é uma prova incontestável desta realidade.

No Peru, o governo comandado por Keiko Fujimori é também uma expressão desta orientação reacionária, que na economia tem por característica o fundamentalismo neoliberal. Já na Argentina, o governo Milei promove um verdadeiro desmonte do Estado, aplicando uma política de terra arrasada que destrói a indústria nacional, pulveriza o poder de compra dos salários, condena milhões à miséria e ataca frontalmente o movimento sindical numa tentativa brutal de quebrar a espinha dorsal da resistência operária argentina para entregar as riquezas e a soberania do país ao capital financeiro internacional e ao arbítrio das grandes corporações.
Em nosso país, o povo protagonizou uma virada espetacular de Lula no segundo turno, impedindo que o país fosse precipitado num abismo neofascista e preservando a soberania nacional, a democracia e os direitos.

No entanto, a conjuntura brasileira nos ensina que a vitória nas urnas foi um passo decisivo, mas não é por si só a garantia para a realização das transformações sociais que o povo reclama e a nação necessita.

O movimento operário e as forças progressistas no Brasil já enfrentavam diariamente a adversidade de um parlamento conservador, cuja composição política ficou ainda mais desfavorável com o avanço da extrema direita no Congresso Nacional, especialmente no Senado. Ao lado disso sofremos a pressão sufocante do mercado financeiro por cortes nos programas sociais, a política monetária de um Banco Central subordinado ao rentismo e o poder do agronegócio que tenta impor a marcha da desindustrialização.

Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB
Rua Cardoso de Almeida, 1843 I Sumaré I São Paulo I SP I CEP 01251-001
Telefone: + 5511 3874-0040
presidencia@ctb.org.br

O cenário brasileiro deixa claro: sem mobilização popular e sem a força do movimento sindical nas ruas, as conquistas democráticas correm perigo permanente diante da ofensiva da extrema-direita. Esta verdade transpareceu nas eleições, que foram marcadas por grandes manifestações de massas contra a extrema direita e pela reeleição de Lula.

Foi esta mesma mobilização que viabilizou a aprovação pelas duas casas do Congresso Nacional da redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução de salários e o fim da desumana escala 6x1. Uma conquista histórica, realçada pelos desafios que emergiram com a IA. Diante do salto tecnológico, da automação e da inteligência artificial apropriada monopolisticamente pelos bilionários, a redução da jornada é a resposta operária para distribuir a riqueza produzida e os ganhos provenientes do avanço da produtividade do trabalho, combater o desemprego, frear o adoecimento físico e mental da nossa classe e devolver ao trabalhador o direito ao tempo, à vida, à cultura e ao lazer.

Por outro lado, o que vemos quando o neofascismo alcança o poder é o entreguismo mais descarado. Promove-se o afastamento e o rebaixamento deliberado das relações Sul-Sul. Abandona-se e retrocede-se no projeto histórico de integração regional da América Latina e do Caribe e nas formas de articulação alternativas e soberanas, como é o caso do BRICS. Essa diplomacia da submissão tem um objetivo econômico preciso: consolidar a desindustrialização de nossas nações, aprofundar a reprimarização de nossas economias e garantir uma inserção subalterna e dependente na nova divisão internacional do trabalho. Querem nos condenar a ser, eternamente, meros exportadores de matéria-prima e importadores de tecnologia e valor agregado.

Tornou-se notório que a extrema-direita conta com o patrocínio e a cumplicidade direta de magnatas e bilionários que comandam as Big Techs, evidenciando fato de que são a expressão política dos interesses da oligarquia financeira estadunidense. Utilizando algoritmos desenhados para espalhar o ódio, o individualismo e a mentira, as big techs dominam as redes sociais para manipular a consciência das massas e desestruturar o tecido social. No Brasil, a Meta atuou de forma descarada a favor do candidato da extrema direita.

No campo sindical e dos direitos sociais, o impacto dessa aliança entre o capital financeiro, as plataformas digitais e a extrema-direita é devastador. A agenda deles prevê a desregulamentação radical e a precarização completa das relações entre capital e trabalho. O objetivo final é o fim do Direito do Trabalho como o conhecemos e a imposição de uma uberização generalizada das relações sociais de produção.

Querem transformar o trabalhador em um indivíduo isolado, sem direitos, sem previdência, desprovido de qualquer rede de proteção social, forçado a competir com seus próprios irmãos de classe pela sobrevivência diária. Diante desse, qual deve ser o papel do movimento operário? A resposta histórica da nossa classe só pode ser uma: organização, unidade e luta.

A defesa dos interesses imediatos e futuros da classe trabalhadora, bem como a salvaguarda da nossa democracia e da soberania nacional, passa, em primeiro lugar, pela resistência e por uma luta sem quartel para barrar e derrotar a extrema-direita e o fascismo. Não há espaço para vacilações ou conciliação com quem quer nos destruir.

No Brasil estamos empenhados em redobrar os esforços para garantir o êxito do governo Lula avançando na direção de um novo projeto Nacional de desenvolvimento, com mais democracia, soberania nacional e valorização do trabalho. Trata-se de uma questão vital para a classe trabalhadora. Devemos nos entrincheirar na defesa intransigente das conquistas e direitos históricos do nosso povo. Mas nosso desafio não se resume a isso. Precisamos retomar a ofensiva política e a mobilização permanente em torno das demandas mais urgentes e sentidas pela classe trabalhadora, de forma a abrir caminho para transformações sociais mais profundas.

Os últimos acontecimentos mostram que o avanço do neofascismo não é inevitável, mesmo porque ele é o sintoma de um sistema em crise que só tem a barbárie a oferecer. A alternativa à barbárie é a solidariedade internacionalista, a integração soberana dos nossos povos e a força organizada da classe. A unidade entre os trabalhadores do Peru, do Brasil, da América Latina e Caribe e de todo o mundo é o pilar fundamental para virarmos o jogo e descortinar um futuro de paz, prosperidade e desenvolvimento solidário e compartilhado das nações.

Reiteramos nosso irrestrito apoio e solidariedade ao povo e ao governo cubano diante do cerco econômico genocida imposto pelos imperialistas de Washington, ao povo palestino em sua heroica luta pela soberania e pela liberdade, ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro e sua esposa, sequestrados e presos ilegalmente pelos EUA.

Companheiros e companheiros

O neoliberalismo é um fracasso retumbante e não existe saída positiva para crise nos marcos do capitalismo. O dilema que a história nos apresenta é entre socialismo ou barbárie

Adilson Araújo

Adilson Gonçalves de Araújo

Presidente Nacional da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – CTB

Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB
Rua Cardoso de Almeida, 1843 I Sumaré I São Paulo I SP I CEP 01251-001
Telefone: + 5511 3874-0040
presidencia@ctb.org.br